

REVISTA  
*Desassossego*

**O Imaginário Animal na Literatura  
Portuguesa**

Bruno Anselmi Matangrano  
Leonardo de Barros Sasaki  
(editores-responsáveis)

## Humanidade e Animalidade no contexto português

Os animais, reais ou imaginários, sempre estiveram bastante presentes na Literatura e nas Artes de todos os povos, de todos os continentes, de todas as etnias. Estão presentes nas mais diversas formas de narrativas e de representações gráficas, seja em mitos e lendas, através dos quais são buscadas explicações para os fenômenos cotidianos, seja em fábulas, cujo intuito é defender e ensinar uma moral, seja enquanto símbolos, metáforas, imagens ou alegorias, seja ainda como parte integrante de uma história, como protagonistas, coadjuvantes ou mesmo incorporando-se à paisagem à qual pertencem.

Tamanho interesse pelos demais seres sencientes deriva de uma imensa curiosidade do ser humano em relação a essas criaturas dadas as suas patentes semelhanças conosco, entremeadas de diferenças desconcertantes. Elas são um *outro* onipresente em nosso cotidiano, com os quais eternamente tentamos nos comunicar buscando outros modos de expressão para além da linguagem verbal. Como essa tentativa é invariavelmente falha, mesmo se não completamente, pois nem sempre há certeza da compreensão, sentimentos contraditórios surgem dessa interação. Isso se dá porque, se, por um lado, alguns animais expressam entendimento, outros não o sabem ou não o querem demonstrá-lo. Diante da dificuldade de entender esse *outro*, ao mesmo tempo tão semelhante e tão diferente de nós, a humanidade o encara ora com fascínio, ora com admiração, ora com pavor, ora com repulsa, ora com devoção.

Com todas as controvérsias, vistas por ideologias e culturas diversas, os animais podem ser encarados como amigos, como deuses, como comida, como entretenimento, como praga, como caça, como companhia ou, simplesmente, como iguais – e, às vezes, como várias dessas categorias ao mesmo tempo –, mas, de alguma forma, os animais estão sempre presentes em nossas vidas, e, por consequência, em nossa arte, suscitando preocupações e questionamentos.

Nesse sentido, para seu 19º número a Revista *Desassossego* convidou a todos os pesquisadores interessados na literatura e nas artes portuguesas a submeterem artigos e ensaios que versassem sobre as questões do imaginário animal na cultura portuguesa, em suas mais diversas facetas e vertentes teórico-crítico-metodológicas, como, por exemplo, as questões da representação animal, da zoopoética, da zooliteratura, da biopoética, da biopolítica, da bioética, dos bestiários, das simbologias, da heráldica, das animalidades etc. concernentes a animais reais, mitológicos, monstros fantásticos, seres híbridos e toda sorte

de outras criaturas presentes no imaginário artístico português, tendo em vista os desafios de se trabalhar no limite entre o animal e o humano. O resultado desse desafio são os nove artigos ora apresentados nesse dossiê, que cobrem uma gama variada de obras portuguesas com destaque às produções em prosa dos séculos XX e XXI.

Seguindo uma ordem cronológica aproximada, o dossiê se abre com o trabalho de Saulo Gomes Thimóteo intitulado “Peixes e homens: o pescar alegórico de António Vieira”. Nesse artigo, o autor se volta ao célebre “Sermão de Santo António aos Peixes” de 1654, no qual os homens são comparados, como recurso retórico alegórico, a uma série de criaturas do mar (e não somente a peixes como seria de se esperar) para seduzir seus ouvintes e convencê-los a seguir os preceitos da religião.

O século XIX é representado pelo ensaio “Cão analista social: a ironia de um texto queirociano que subverte as relações entre seres humanos e animais”, de Rodrigo do Prado Bittencourt e Laís Maria de Oliveira, no qual é resgatado um pouquíssimo conhecido conto de Eça de Queirós, chamado “A Inglaterra e a França julgadas por um inglês”, publicado em 1884, num periódico português. Trata-se de uma obra bastante satírica, como o demonstram os autores, na qual um cão-narrador escreve uma carta a uma amiga gata. Através do recurso da ironia, Eça faz críticas aos ingleses, representados pelo cachorro, e aos franceses, simbolizados pela correspondente felina, em um processo que antropomorfiza humanos e zoomorfiza animais – em mecanismo típico da estética naturalista à qual Eça de Queirós, de certa forma, se afiliava.

Seguem-se, então, já no âmbito do século XX, dois artigos dedicados à presença de animais em textos literários de temática bélica. O primeiro, “Memórias das trincheiras: os animais na literatura da Grande Guerra”, assinado por Márcia Seabra Neves, traça interessante panorama da literatura memorialística portuguesa do pós-primeira guerra mundial, analisando o papel dos animais nesse cenário, onde, embora sempre tenham estado presentes – seja como montaria, seja como mensageiros, seja ainda como combatentes –, foram relegados a segundo plano. O artigo, nesse sentido, afilia-se aos recentes estudos das chamadas animalidades, cuja preocupação bioética ultrapassa os limites do literário para nos ajudar a repensar a história e o presente. Por sua vez, Norberto do Vale Cardoso, em seu “Bestiário da literatura da guerra colonial portuguesa (algumas considerações)”, também de modo panorâmico, realizava relevante levantamento da presença animal na literatura da segunda metade do século XX, percorrendo textos em verso e em prosa de autores como António Lobo Antunes, José Cardoso Pires, Carlos Vale Ferraz e Fernando Assis Pacheco.

Seu texto se dedica a demonstrar a forma como os soldados são constantemente animalizados em narrativas que retratam o período da guerra colonial, centrando-se, sobretudo, em duas imagens-chave no imaginário da época e no imaginário europeu de modo geral: o cão e o lobo.

O artigo seguinte é “Fragmentos da memória de um povo: as histórias de caça e o bestiário em *Levantado do chão*”, de autoria de Carolina Lopes Batista, no qual a pesquisadora se propõe a analisar narrativas de caça inseridas no romance nomeado do título, ao mesmo tempo em que se preocupa em elencar o bestiário saramaguiano, citando animais presentes em outras obras do Prêmio Nobel português, como *Memorial do convento* e *Ensaio sobre a cegueira*. Em suas análises, Batista demonstra a relação entre o uso das imagens animalistas e a tradição oral recuperada por Saramago, imagens que, segundo a autora, “também exercem a função de metáfora para a vida e a luta do povo alentejano”.

Dois artigos versam sobre imagens de animais no escritor Miguel Torga, conhecido justamente por seu relevante bestiário. Em “Miura, aquele que dá a vida, ou o desvendar da nossa animalidade”, Marco Silva seleciona um conto de Torga para contrastá-lo com um texto de Herberto Helder. O intuito do artigo é demonstrar a forma como esses autores recuperam a animalidade perdida dos seres humanos devido a uma exacerbada “valorização do antropocentrismo e da racionalidade”. Já em “Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós: ‘Vicente’, de Miguel Torga”, Lyza Brasil Herranz se volta ao conto mencionado, presente na coletânea *Bichos* e protagonizado por um corvo de nome Vicente, lendo-o como uma “fábula moderna” a partir da qual Torga defende o princípio filosófico de valorização da liberdade, comparando o estatuto do homem e do pássaro.

O trabalho de Antonia Marly Moura Silva, “A pele que não habito: a fusão homem e bicho no conto ‘A pele do judeu’ de Mário de Carvalho”, cujo título evoca o filme de Pedro Almodóvar, mescla os estudos da animalidade com a condição do fantástico na narrativa através de um rol respeitado de pesquisadores desse gênero – ou modo – narrativo. Para a autora, o fantástico, introduzido no conto de Carvalho pelo recurso da metamorfose do homem em animal, serve como mediador na relação conflituosa entre seres humanos e animais e na “reconciliação do real com o imaginário”.

O dossiê se encerra com o estudo “A zoomorfização e a desumanização no romance *O remorso de Baltazar Serapião* de Valter Hugo Mãe”, de Murilo de Assis Macedo Gomes, no qual novamente o embate entre zoomorfismo e antropomorfismo é trazido à tona, ao lado

do conceito de “desumanização”. A partir disso, Gomes demonstra como se dá esse contraste numa obra de Mãe, cuja temática é medieval.

Para além do dossiê, esse número também traz três artigos de assunto diverso compondo nossa seção “Vária”. O primeiro deles também é dedicado a Valter Hugo Mãe. Intitulado “Mãe e a invenção da família: uma leitura psicanalítica do romance *O filho de mil homens* como um contraponto ao estatuto da família”, o artigo de Humberto Moacir de Oliveira traz uma proposta bastante curiosa e instigante: ler o romance de Mãe, que traz variadas e diversas estruturas familiares, a partir do ponto de vista psicanalítico para contrapô-lo ao polêmico “Estatuto da Família” recentemente proposto pelo governo brasileiro e em trâmite na Câmara, com visão bastante limitadora de família.

Já o artigo “Colocar poesia na fita métrica”, de Paloma Roriz, também dedicado à prosa contemporânea portuguesa, propõe uma leitura interartística das imagens presentes no livro *Atlas do corpo e da imaginação*, de Gonçalo M. Tavares, imagens estas, que, por sua vez, interconectam diversas artes e perspectivas por meio dos conceitos de espaço, corpo e movimento. Por fim, “A mimesis fantástica na obra satírica de Nicolau Tolentino e o *ut photographia poesis*”, de Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto, recupera sonetos pouco conhecidos na chave do que nomeia como “poesia cômico-fantástica”, os quais analisa à luz da crítica do escritor Manuel Pinheiro Chagas.

O número se encerra com dois textos literários: a ficção “Ana e os filhos da vila”, de Francisco Neto Pereira Pinto, uma narrativa de ritmo entrecortado, saramaguianamente escrita sem pontuação, trazendo à prosa uma linguagem poética cujo resultado é bastante interessante; e o “Poema”, de André Luiz Menezes de Moraes, composição que ganha em beleza e em força poética por saber se valer da concisão e da potencialidade da palavra, dizendo muito em pouco espaço.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Os Editores,

Bruno Anselmi Matangrano e Leonardo de Barros Sasaki.